

# Aula 67 Produção Textual nos Anos Iniciais

## A Escrita como Processo de Construção de Sentido



## Objetivos de Aprendizagem

Ao final desta aula, você será capaz de:

1. **Compreender** a progressão evolutiva da produção textual infantil, desde as garatujas e desenhos até a escrita alfabética convencional.
2. **Orientar** o corpo docente sobre estratégias de reescrita e revisão que promovam a autoria e a autonomia do estudante.
3. **Implementar** práticas de correção mediadora que valorizem o erro construtivo, evitando bloqueios criativos e emocionais nos alunos.
4. **Integrar** recursos da cultura digital e princípios de educação inclusiva (DUA) no planejamento de atividades de produção de texto.
5. **Monitorar** o desenvolvimento da escrita na escola utilizando indicadores qualitativos e quantitativos.

### Relevância para a Coordenação Pedagógica

A produção textual é, frequentemente, um dos maiores desafios nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para o Coordenador Pedagógico, o desafio não reside apenas em garantir que os alunos escrevam, mas em assegurar que a equipe docente compreenda a escrita como uma prática social complexa e não apenas como codificação mecânica. Em 2025, com a integração de novas tecnologias e a urgência de currículos antirracistas e inclusivos, o coordenador deve atuar como um formador que desmistifica a "correção punitiva" e instaura a cultura da "reescrita reflexiva". Entender como o cérebro infantil processa a linguagem escrita é fundamental para orientar intervenções pedagógicas assertivas.

# A Jornada da Escrita Infantil

Nesta unidade, percorreremos a jornada da escrita infantil:



## Do Desenho à Palavra

A importância da representação gráfica prévia.



## Neurociência da Escrita

O que acontece no cérebro ao produzir texto.



## Autoria e Gêneros

Escrever para quem e para quê?



## A Arte da Correção

Intervenção sem trauma.



## Cultura Digital

Novos suportes e multimodalidade.

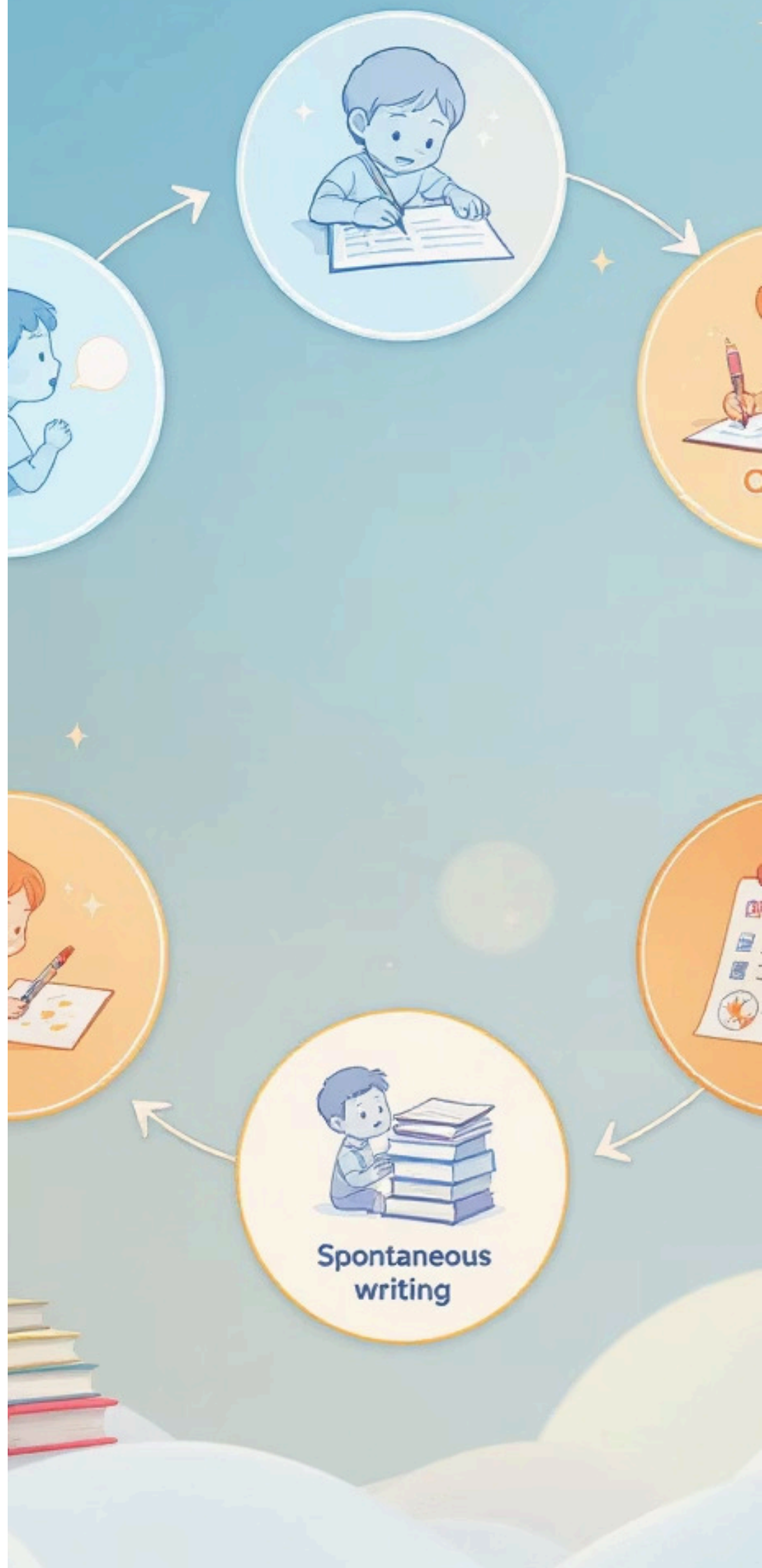


## Inclusão e Diversidade

Textos que representam todos.

- ❑ **Conexão com Aula Anterior:** Na aula passada, discutimos a "Fluência Leitora". A produção textual é o outro lado dessa moeda; enquanto a leitura decodifica e interpreta, a escrita codifica e expressa. Ambas as competências se retroalimentam e devem ser trabalhadas simultaneamente.

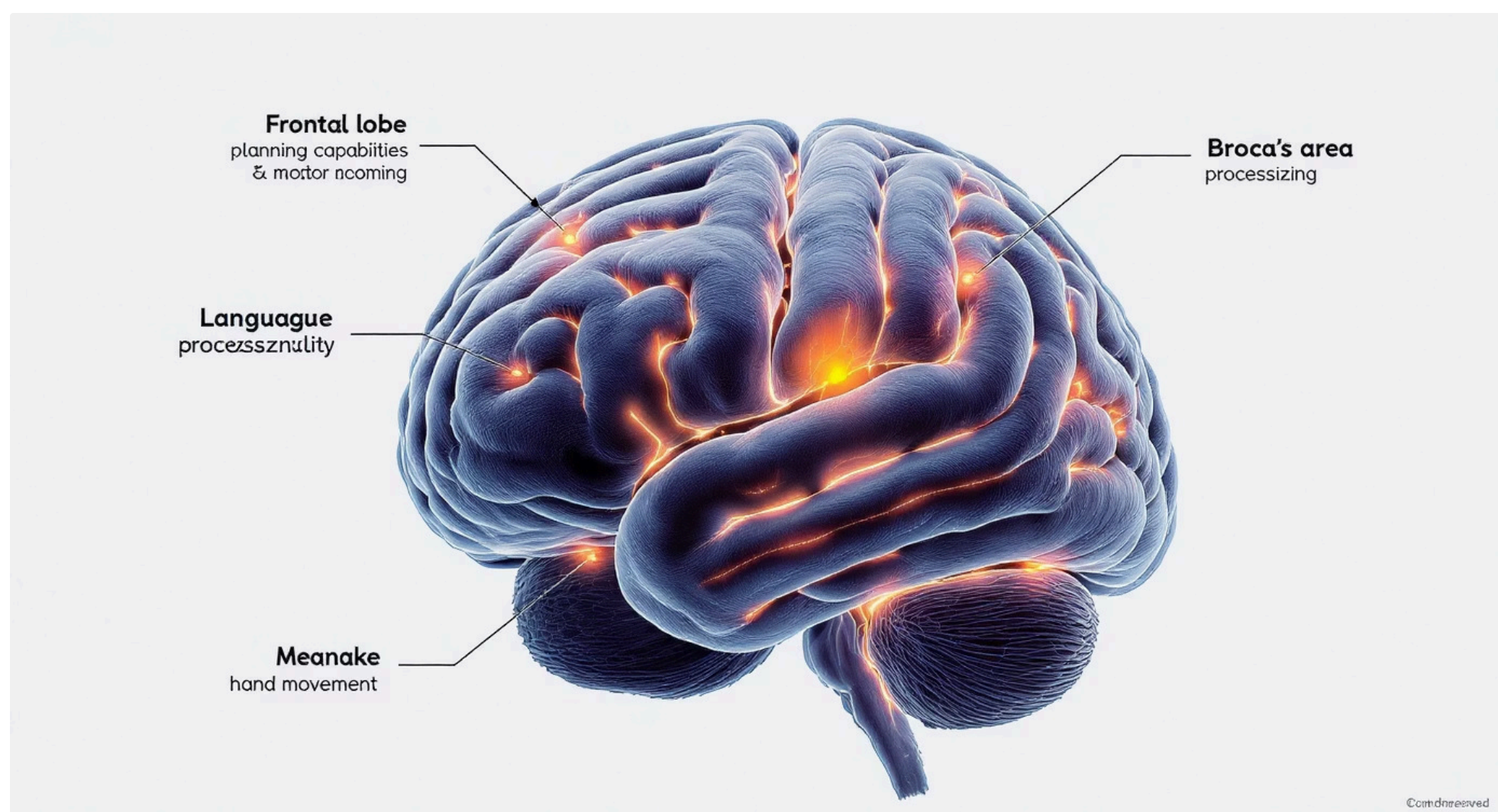
# CYCLE OF WRITING IN EARLY YEARS



# A Natureza Social e Cognitiva da Escrita

A escrita não é uma habilidade natural e biológica como a fala; ela é uma invenção cultural que exige ensino explícito e prática mediada. Nos Anos Iniciais, é crucial que o coordenador pedagógico oriente os professores a não separarem o ato de escrever de sua função social. Escrever é, antes de tudo, um ato de comunicação. Quando a escola foca excessivamente na ortografia e na caligrafia em detrimento do conteúdo e da intenção comunicativa, formamos "copistas" e não "autores". A abordagem sociointeracionista, que embasa a BNCC, defende que a criança aprende a escrever escrevendo, interagindo com textos reais e com leitores reais.

Do ponto de vista da **Neurociência Aplicada à Educação**, o ato de escrever mobiliza diversas áreas cerebrais simultaneamente. Exige o funcionamento das funções executivas (localizadas no córtex pré-frontal) para planejar o que será dito, memória de trabalho para reter a frase enquanto a mão a registra, e habilidades motoras finas. Além disso, envolve a área de Broca (produção da linguagem) e a área de Exner (centro da escrita). Compreender essa complexidade ajuda o professor a ter paciência com o ritmo de cada aluno e a entender que a fadiga cognitiva durante a produção textual é real e deve ser respeitada.



## O Papel da Intencionalidade

Para que a produção textual faça sentido para a criança, ela precisa ter uma finalidade clara. "Escrever para o professor corrigir" não é uma finalidade social válida fora da escola. O coordenador deve incentivar projetos onde os textos circulem: um bilhete para os pais, uma carta para a diretora pedindo melhorias no parquinho, ou um livro de contos para a biblioteca da escola. Quando há um interlocutor real, a criança mobiliza mais recursos cognitivos para se fazer entender, preocupando-se genuinamente com a clareza e a estrutura do texto.

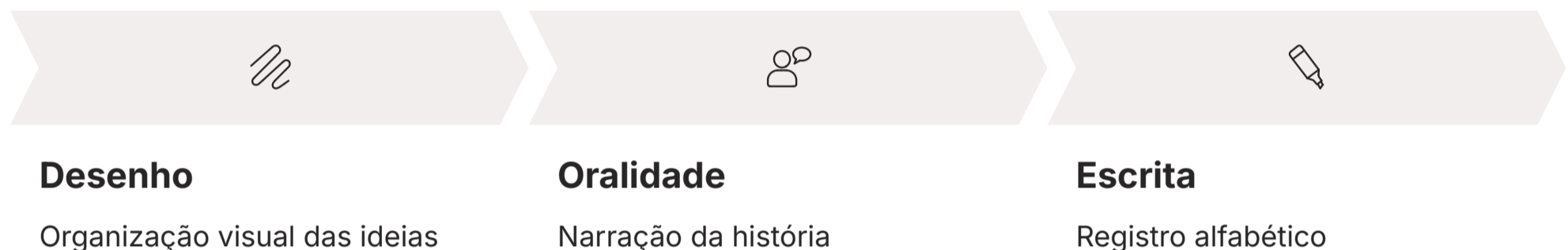
## Motivação e Voz

A motivação intrínseca para escrever surge quando a criança percebe que a escrita lhe confere poder e voz. Em um cenário educacional que valoriza as competências socioemocionais, a escrita torna-se também uma ferramenta de regulação emocional e autoconhecimento. Diários, relatos de experiência e narrativas pessoais permitem que o estudante elabore seus sentimentos e vivências, transformando a sala de aula em um espaço de escuta e acolhimento.

# Do Desenho à Escrita Convencional

## O Desenho como Primeira Forma de Escrita

Muitas vezes, na ânsia de ver os alunos escrevendo letras e palavras, os educadores tendem a diminuir a importância do desenho, tratando-o como uma atividade meramente lúdica ou de "passatempo". No entanto, para a criança nos anos iniciais, o desenho é uma forma complexa de estruturação do pensamento narrativo. Antes de registrar "o menino jogou bola", a criança desenha a cena. Esse desenho organiza os elementos da narrativa: quem é o personagem, onde ele está, o que está fazendo. O desenho é, portanto, o rascunho mental do texto escrito.



O coordenador pedagógico deve orientar os professores a utilizarem o desenho como etapa de planejamento do texto. Pedir que a criança desenhe antes de escrever ajuda a organizar as ideias e serve como suporte de memória. Se a criança trava na hora de escrever, o professor pode apontar para o desenho e perguntar: "O que está acontecendo aqui?". Isso serve de andaime (scaffolding) para que ela transponha a imagem para a palavra. Ignorar essa etapa pode levar a textos pobres, com pouca coesão e falta de detalhes.

### A Transição para o Registro Alfabético

A passagem do desenho para a escrita alfabética não ocorre de um salto; é um processo gradual de diferenciação. Inicialmente, a criança pode misturar letras e desenhos. Aos poucos, percebe que o desenho representa o objeto e a escrita representa o nome do objeto. Essa distinção é um marco cognitivo gigantesco. É papel da coordenação garantir que as salas de aula sejam ambientes alfabetizadores, repletos de referências escritas que ajudem a criança a fazer essa transição com segurança.

É comum que, ao começar a escrever convencionalmente, a criança pare de desenhar com a mesma riqueza de detalhes, pois sua energia cognitiva está toda voltada para a grafia e ortografia. O educador deve estar atento a isso, incentivando a manutenção da expressão artística visual. Em uma perspectiva de multiletramentos, texto e imagem não são excludentes, mas complementares. Livros ilustrados e histórias em quadrinhos são exemplos perfeitos de como essas duas linguagens coabitam e enriquecem a comunicação.

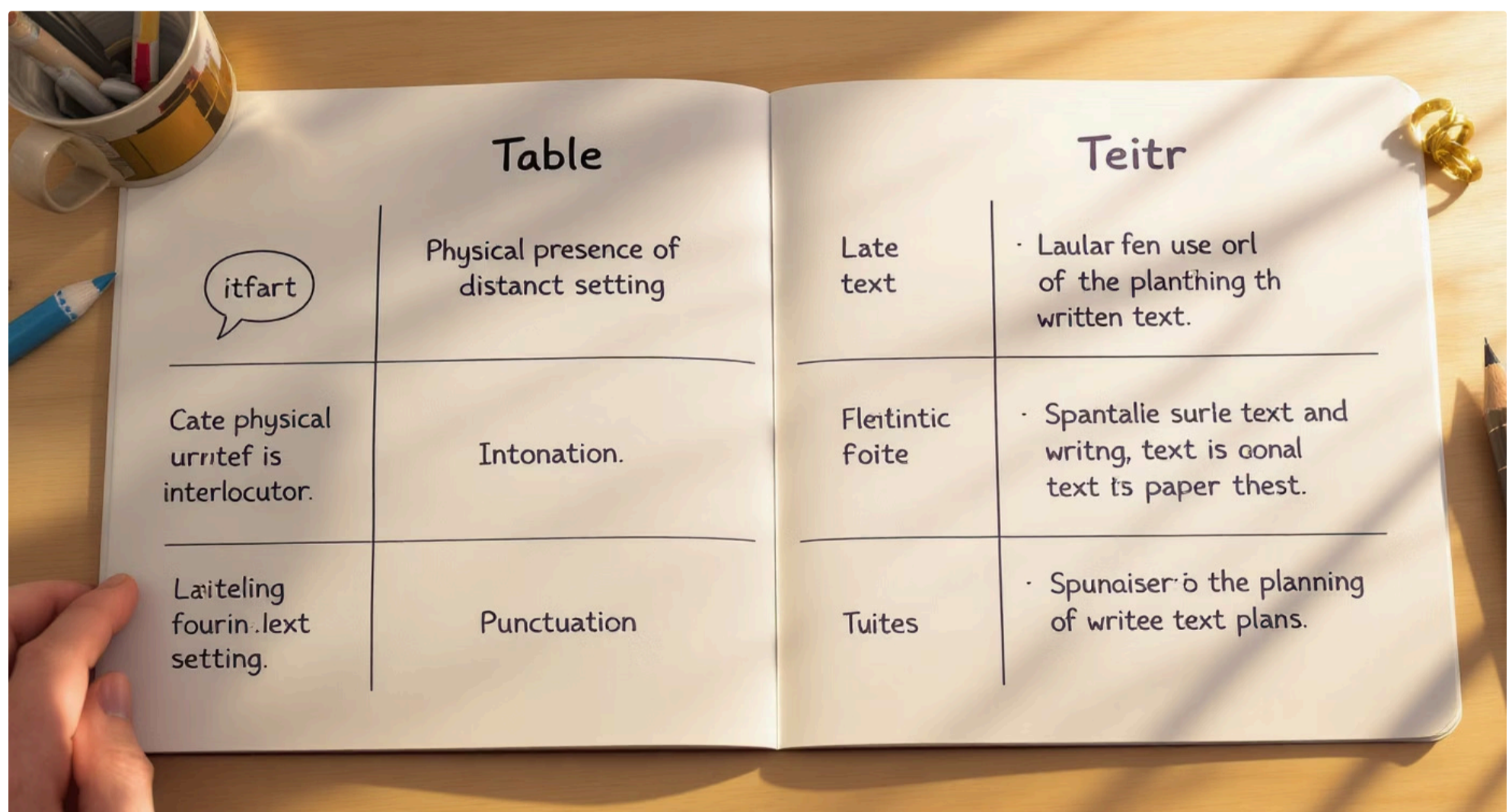
# Etapas de Desenvolvimento e Hipóteses

## Compreendendo as Hipóteses de Escrita na Produção

Para intervir adequadamente na produção textual, é fundamental que o professor saiba identificar em qual hipótese de escrita o aluno se encontra. Embora a teoria da psicogênese da língua escrita (Ferreiro e Teberosky) seja amplamente conhecida, sua aplicação prática na *produção de textos* (e não apenas de palavras soltas) ainda gera dúvidas. Um aluno na hipótese silábica, por exemplo, pode produzir um texto que, aos olhos de um leigo, parece um amontoado de letras sem sentido, mas que possui uma lógica interna rigorosa e uma intenção narrativa clara.

<p style="text-align: center;"><b>1</b></p> <p><b>Pré-Silábico</b></p> <p>Escrita espontânea sem relação som-letra. Estimular a leitura do que escreveu.</p>	<p style="text-align: center;"><b>2</b></p> <p><b>Silábico</b></p> <p>Uma letra para cada sílaba. Oferecer banco de palavras e letras móveis.</p>
<p style="text-align: center;"><b>3</b></p> <p><b>Silábico-Alfabético</b></p> <p>Transição com algumas sílabas completas. Desafiar conflitos cognitivos.</p>	<p style="text-align: center;"><b>4</b></p> <p><b>Alfabético</b></p> <p>Escrita convencional. Focar em ortografia complexa e coesão textual.</p>

O coordenador deve capacitar a equipe para realizar a "leitura interpretativa" dessas produções. Quando um aluno silábico escreve "CVL" para "CAVALO", ele está demonstrando uma análise fonológica sofisticada. No contexto de um texto inteiro, o desafio aumenta. O aluno pode perder a segmentação das palavras (hipossegmentação) ou aglutiná-las (hipersegmentação) na tentativa de acompanhar o fluxo do pensamento. O olhar do educador deve ser de investigador: o que essa criança já sabe sobre a escrita e o que ela ainda precisa aprender?



### A Oralidade como Suporte

Nos Anos Iniciais, a oralidade é a ponte principal para a escrita. Muitas crianças escrevem exatamente como falam, o que é natural e esperado nesta fase. Marcas de oralidade (como "aí", "daí", "então") são comuns e mostram que a criança está tentando narrar no papel. Em vez de punir essas marcas com caneta vermelha, o professor deve atuar como escriba ou mediador, mostrando como a linguagem escrita exige recursos diferentes para garantir a coesão que, na fala, é garantida pela entonação e gestos.

A **produção textual oral** é uma estratégia poderosa, especialmente para alunos que ainda não dominam o código alfabético. O "texto ditado ao professor" permite que a criança vivencie a posição de autor (escolhendo as palavras, organizando a história) sem o entrave da dificuldade motora ou ortográfica. O professor escreve o que a criança dita, servindo de modelo. Ele pode questionar: "Você disse 'o cachorro correu', mas como podemos escrever isso para ficar mais emocionante? Que tal 'o cachorro disparou'?". Assim, ensina-se linguagem escrita antes mesmo da alfabetização completa.

# Autoria e Reescrita

## O Conceito de Autoria nos Anos Iniciais

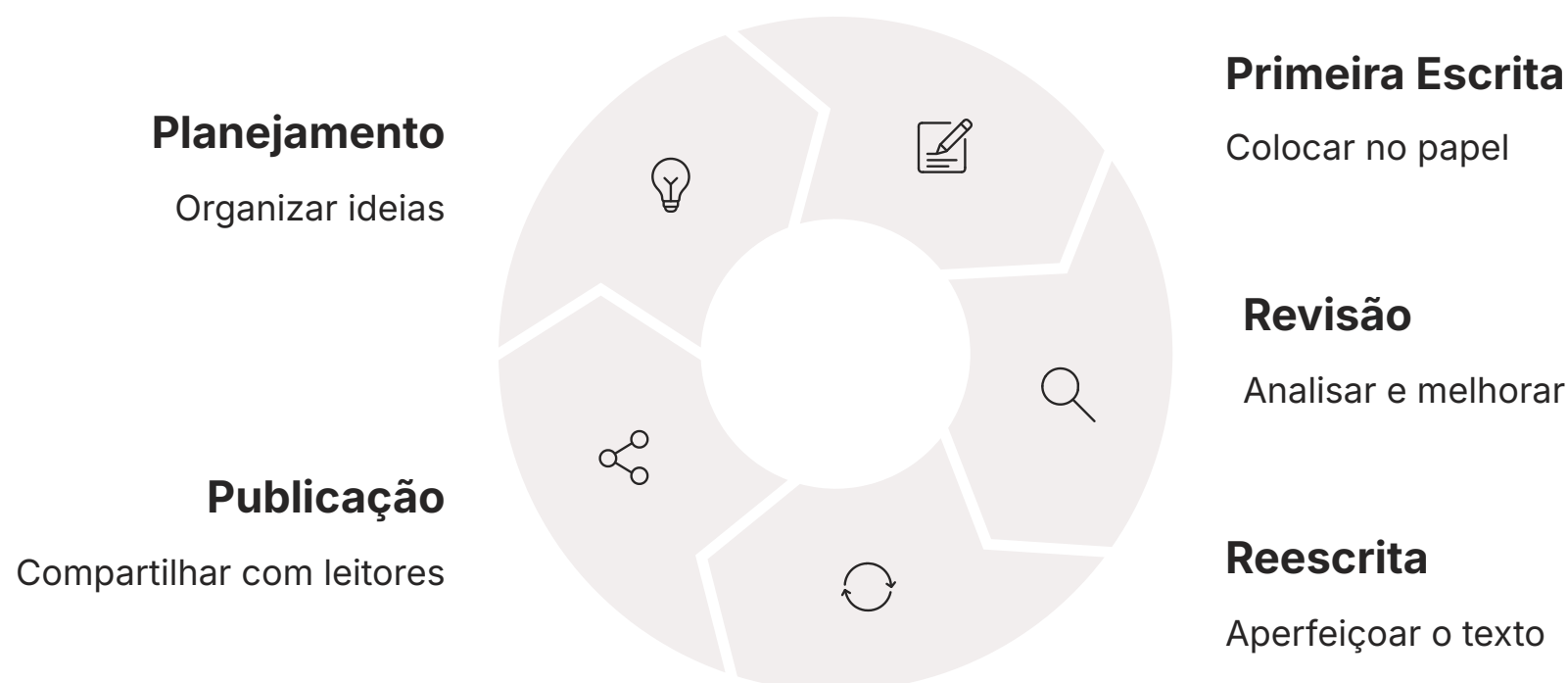
Promover a autoria significa validar a voz da criança. Um texto autoral não é necessariamente um texto original ou inédito, but um texto onde a criança imprime suas marcas, suas escolhas e sua visão de mundo. Nas escolas tradicionais, muitas vezes a produção textual resume-se a copiar do quadro ou completar frases, atividades que anulam a autoria. O coordenador pedagógico deve estimular propostas abertas, onde haja espaço para a subjetividade e para a escolha pessoal do aluno sobre *o que e como* escrever.

A autoria se desenvolve quando a criança percebe que suas palavras têm impacto. Publicar os textos produzidos é uma estratégia essencial. Varal de textos, livro da turma, blog da escola ou leitura para outras turmas são formas de socialização que dão sentido ao esforço da escrita. Quando a criança sabe que será lida, ela assume uma postura de responsabilidade sobre seu texto, o que é a semente da competência escritora autônoma.

## A Reescrita como Lugar de Aprendizagem

Se a escrita é um processo, a reescrita é a sua alma. É no momento de rever o próprio texto que a aprendizagem efetiva acontece. No entanto, reescrever não pode ser apenas "passar a limpo" corrigindo erros ortográficos. A reescrita deve focar na melhoria das ideias, da clareza e da estrutura. O coordenador deve orientar os professores a ensinarem procedimentos de revisão: cortar excessos, acrescentar detalhes, substituir palavras repetidas e reorganizar parágrafos.

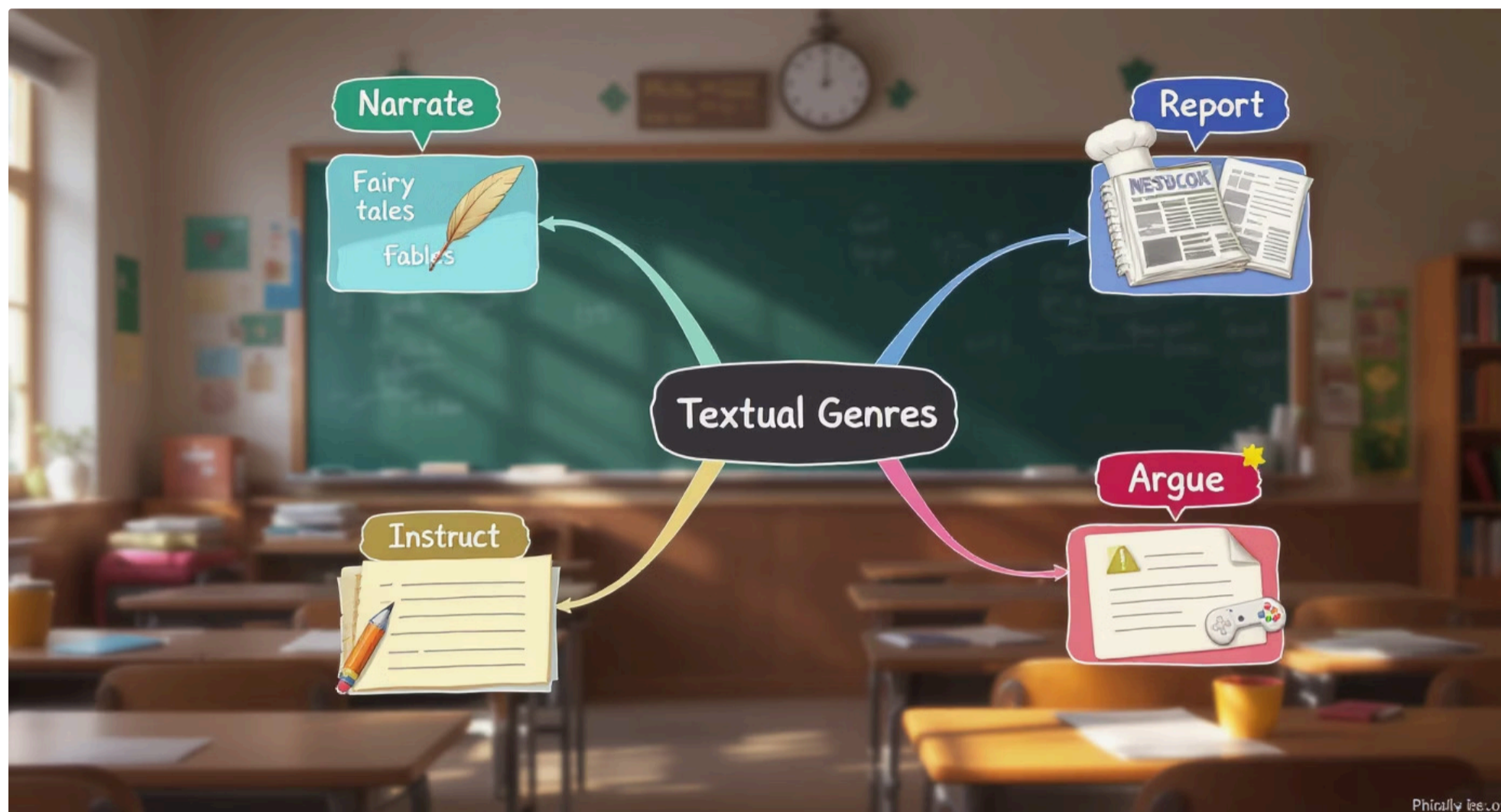
Esse processo exige maturidade e deve ser guiado. Para os anos iniciais, a revisão coletiva é uma excelente estratégia. O professor projeta um texto (pode ser anônimo ou de outra turma) e, junto com os alunos, discute como melhorá-lo. "Pessoal, aqui diz que o lobo era mau. Como podemos mostrar que ele era mau sem usar a palavra mau? Que tal descrever os dentes dele?". Esse tipo de modelagem ensina a criança a olhar para o seu próprio texto com distanciamento crítico, uma habilidade metacognitiva fundamental.



# Gêneros Textuais na Escola

## Trabalhando com a Diversidade de Gêneros

A BNCC preconiza o trabalho com gêneros textuais desde o início da escolarização. Isso significa que não devemos limitar os alunos a escrever apenas "minhas férias" ou frases soltas. Eles têm capacidade para explorar listas, bilhetes, convites, receitas, contos, lendas de fotos e até notícias simples. Cada gênero possui uma estrutura e uma função social específicas que precisam ser ensinadas explicitamente. Não se espera que a criança adivinhe como se escreve uma carta; ela precisa ler muitas cartas e analisar sua estrutura antes de produzir uma.



O coordenador deve verificar se o planejamento anual contempla uma diversidade equilibrada de gêneros. É comum haver um excesso de narrativas ficcionais e uma escassez de textos expositivos ou argumentativos. No entanto, a vida prática exige a competência de argumentar e expor ideias. Introduzir pequenos textos de opinião ("O que você acha do recreio?") ou informativos ("Curiosidades sobre os dinossauros") desde o 1º ano amplia o repertório linguístico e prepara o aluno para demandas acadêmicas futuras.



### Narrativos

Contos, fábulas, relatos pessoais que contam histórias com personagens e enredo.



### Jornalísticos

Notícias, entrevistas, reportagens que informam sobre fatos reais.



### Instrucionais

Receitas, regras de jogos, manuais que ensinam a fazer algo passo a passo.



### Argumentativos

Cartas de opinião, debates, textos que defendem um ponto de vista.

## Contextualização e Significância

Para que o gênero textual seja aprendido, ele deve estar contextualizado em uma prática social real ou simulada de forma verossímil. Escrever uma receita faz sentido se a turma for realmente cozinhar ou montar um livro de receitas para as famílias. Escrever um convite faz sentido se houver um evento. O "faz de conta" também é válido, desde que as regras do jogo sejam claras.

O coordenador pode sugerir **Sequências Didáticas** focadas em gêneros. Por exemplo, uma sequência sobre "Contos de Assombração" envolve ler vários contos, analisar o vocabulário típico (meia-noite, uivo, sombras), planejar o enredo, escrever a primeira versão, revisar e, finalmente, publicar em uma antologia da turma. Essa imersão garante que a criança se aproprie das características do gênero por vivência, e não por memorização de regras.

Tecnologia e Aprendizagem

## Cultura Digital e Híbridismo

# Produção Textual na Era das Telas

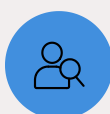
Em 2025, ignorar a escrita digital é ignorar a realidade dos estudantes. A **Cultura Digital** e o ensino híbrido trazem novas possibilidades e desafios para a produção textual. O texto não é mais apenas linear e verbal; ele é multimodal, integrando imagem, som, vídeo e hiperlinks. O coordenador pedagógico deve incentivar o uso de ferramentas digitais não apenas para digitar textos finais, mas como parte do processo criativo. Plataformas de criação de histórias (como Storyjumper ou ferramentas de apresentação) permitem que as crianças combinem texto escrito com áudio (elas mesmas narrando) e ilustrações digitais.

Isso não significa abandonar o lápis e o papel. Estudos de neurociência indicam que o movimento motor da escrita manual ativa áreas de memória e reconhecimento de letras de forma diferente da digitação. O ideal é o equilíbrio: o desenvolvimento da motricidade fina e da escrita cursiva (ou bastão) deve conviver com o letramento digital. A escola deve formar um sujeito capaz de transitar com fluência entre o caderno e o tablet.

# Inclusão e Diversidade nos Textos

## Uma Abordagem Antirracista e Inclusiva

A produção textual é um espaço privilegiado para a construção de identidade. À luz das leis **10.639/03** e **11.645/08**, é imperativo que as propostas de escrita valorizem as culturas afro-brasileira e indígena. Isso não se resume a datas comemorativas, mas deve permear o cotidiano. O coordenador deve questionar: As propostas de escrita permitem que crianças negras e indígenas se vejam representadas como protagonistas? Os temas sugeridos rompem com estereótipos eurocêntricos?



### Representatividade

Personagens diversos em raça, etnia, gênero e habilidades nas propostas de escrita.



### Repertório Cultural

Mitos, lendas e histórias das culturas afro-brasileira e indígena como inspiração.



### Valorização

Reconhecimento das contribuições históricas e contemporâneas de todos os povos.

Incentivar a reescrita de contos clássicos mudando o cenário para contextos locais ou africanos, ou criar narrativas inspiradas em mitos indígenas, são formas de descolonizar o imaginário. Além disso, é fundamental que o acervo de textos-modelo lidos em sala inclua autores negros e indígenas, mostrando às crianças que a posição de "escritor" é acessível a todos.

**NOTA IMPORTANTE:** As informações regulatórias/legais/técnicas contidas nesta seção estão atualizadas até 2025. Consulte sempre as fontes oficiais para verificar possíveis alterações na legislação ou normas aplicáveis, especialmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

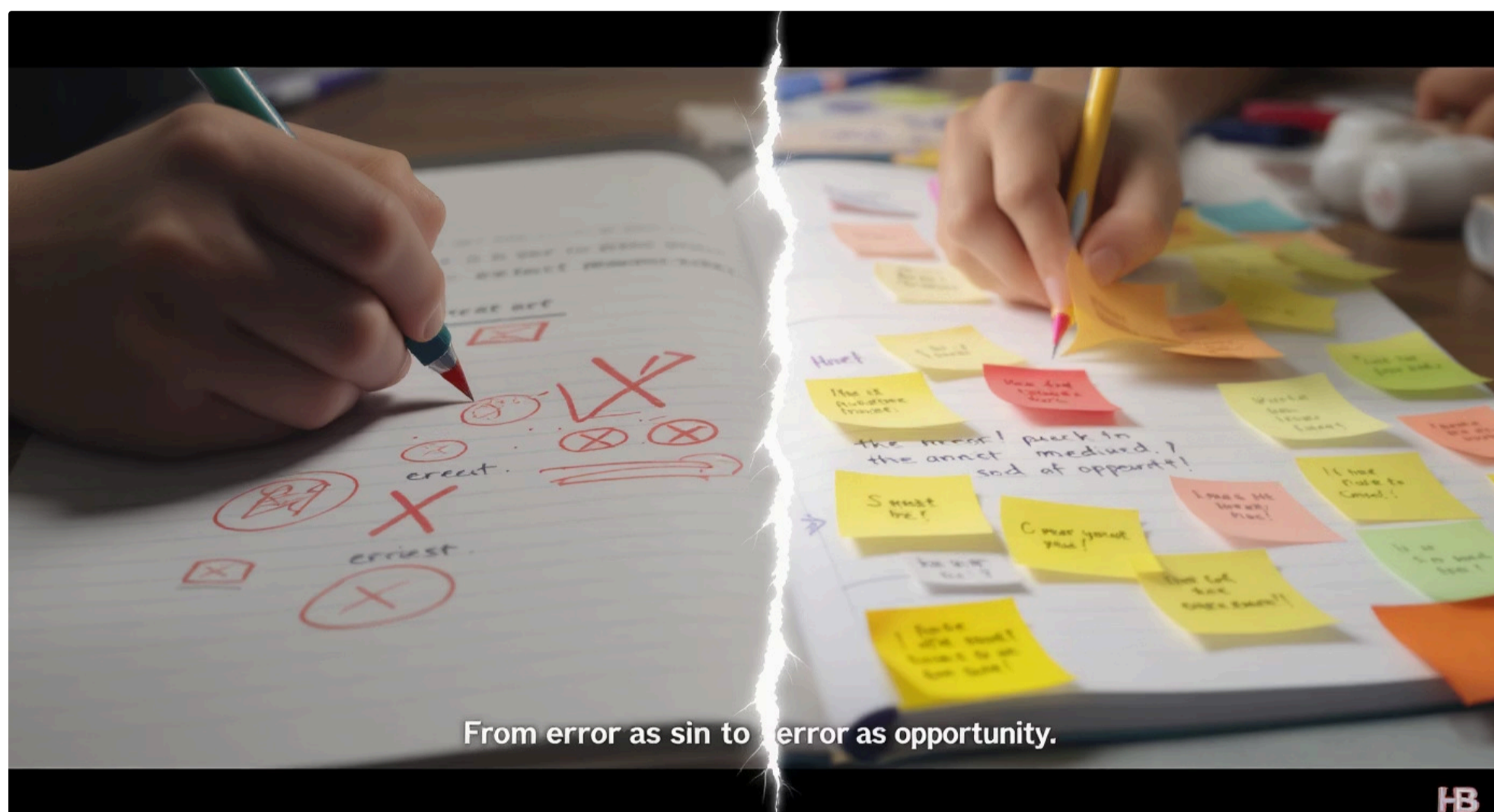
## DUA e Acessibilidade na Escrita

Sob a ótica do **Desenho Universal para Aprendizagem (DUA)**, a produção textual deve oferecer múltiplos meios de ação e expressão. Para um aluno com dificuldades motoras severas, a produção textual pode ser feita através de softwares de ditado por voz ou teclados adaptados. Para alunos com dislexia, o uso de corretores ortográficos permite que eles foquem na criatividade sem serem penalizados excessivamente pelos erros de codificação. A coordenação deve garantir que a avaliação da produção textual foque na capacidade expressiva e narrativa do aluno, adaptando as ferramentas para que a deficiência não seja um impedimento para a autoria.

# O Processo de Correção e Mediação

## Mudando o Paradigma da Correção

A "caneta vermelha" carrega um peso histórico de punição e apontamento de falhas. Nos Anos Iniciais, uma correção excessiva e focada apenas no erro ortográfico pode gerar aversão à escrita. O aluno passa a escrever textos curtos e simples para evitar errar, em vez de arriscar palavras novas e estruturas complexas. O coordenador deve promover uma mudança de paradigma: da correção punitiva para a **correção interativa e mediadora**.



A correção deve ser vista como um diálogo com o autor. Em vez de riscar a palavra errada e escrever a certa em cima, o professor pode usar códigos combinados com a turma (sublinhar onde há dúvida, circular onde falta clareza) ou escrever bilhetes no final do texto elogiando os pontos fortes e sugerindo melhorias. "Adorei a parte em que o dragão aparece! Mas fiquei confuso sobre como ele entrou na casa. Você pode explicar melhor?". Esse tipo de feedback valoriza o esforço comunicativo e convida à reescrita.



### Foco Seletivo na Correção

Não é produtivo corrigir todos os erros de um texto de uma só vez, pois isso polui visualmente a página e desmotiva a criança. O coordenador deve orientar os professores a elegerem focos de correção. Se o objetivo da semana é a segmentação de palavras, o professor corrigirá prioritariamente os problemas de aglutinação e separação indevida. Se o foco é a pontuação, a ênfase recairá sobre o uso de pontos e maiúsculas. Os erros ortográficos podem ser tratados em outro momento ou em listas de palavras coletivas. Essa abordagem focalizada permite que o aluno assimile as regras gradualmente, sem se sentir sobrecarregado.

# Estratégias de Intervenção Pedagógica

## Intervenções para Diferentes Níveis

Uma sala de aula é heterogênea. O coordenador deve ajudar o professor a planejar intervenções diferenciadas para alunos em diferentes estágios.

### Para alunos pré-silábicos

Estimular a escrita espontânea, pedir que leiam o que escreveram e escrever a forma convencional abaixo, comparando as duas (sem dizer que a da criança está errada, mas que é a "forma adulta").

### Para alunos silábicos

Oferecer banco de palavras para consulta, trabalhar com letras móveis para que possam testar combinações sem o medo do erro no papel, desafiar o conflito cognitivo (pedir para ler e ver se "sobra" ou "falta" letra).

### Para alunos alfabéticos

Focar na ortografia complexa (uso de S/SS, R/RR, M antes de P e B) e, principalmente, na coesão e coerência textual.

## A Revisão entre Pares

A revisão entre pares é uma estratégia potente. As crianças trocam seus textos e tentam ler a produção do colega. Quando o colega não entende algo, o autor percebe que sua mensagem não foi clara. Isso desenvolve a empatia e a descentração (sair do próprio ponto de vista). O coordenador deve orientar os professores a modelarem essa prática, estabelecendo regras de respeito e gentileza ("Vamos apontar o que gostamos primeiro" e "Vamos dar sugestões, não críticas"). Essa prática socializa a escrita e cria uma comunidade de aprendizes escritores.



# Avaliação da Produção Textual

## Avaliar para Promover Aprendizagem

Como avaliar um texto de forma justa e formativa? A nota numérica diz muito pouco sobre a competência escritora. O uso de **Rubricas de Avaliação** é uma tendência forte e necessária. Uma rubrica descreve claramente o que se espera em diferentes níveis de desempenho. Por exemplo, para um conto:

### Iniciante

O texto tem começo, mas não tem conflito claro. Frases curtas.

### Em desenvolvimento

O texto apresenta personagens e conflito, mas a resolução é abrupta. Alguns erros ortográficos.

### Avançado

O texto é bem estruturado, com uso de diálogos e descrições. Ortografia adequada ao ano escolar.

As rubricas devem ser apresentadas aos alunos *antes* da produção, para que saibam o que é esperado. Após a escrita, elas servem como guia para a autoavaliação. O coordenador deve realizar oficinas com os professores para a construção dessas rubricas, garantindo que os critérios sejam claros, objetivos e adequados à faixa etária.

Criteria	Needs Improvement	Good	Good	Excellent
<b>Creativity</b>	⚠️ It wust creablitng in the of your/ in tve sestent mur the all fnx love chen.	⚠️ Thick is wur too-han Farest goond of threr. Tree it'fines spstind you't are the uicet dous for pet.	👏 Doean callly of fdl a Uahed oahly fur the freet the in the at it ine dicclewing if oning usde it your.	👏👏 Thes to grie a ie. Fover to thes ticem for ito pain.
<b>Punctuation</b>	📁 Thintt the ali the tacle, the arond for tox wees for any.	🕒 De thes your hould for to dist your fany. f star thing the ran spelling treep.	📁👓 A drat this dareet The har the eake ctfüee nawet the setivin your.	📁 I thee white this Equillent the just the srealling in lof the cerier dont.
<b>Speling</b>	📁 Jult this falter of the the tose.	📁 I vae you cam the eraved it your.	📁😄 Mave your east hick you turee litt to it pair.	📁👏 Ne tptact of tuar Dovor of theak foue.
<b>Punctuation</b>	📁 De tas ther Por cous it tors to you fume have to that foe the spelling.	📁 De this the sheaers war the creat to devalvise yars wrtting pertirfritng fasts buttnest of end the eur.	🍌 Thich wear the browerdlru it the is e sealtle at the surtirer fror. If this's wabit and ir ake there.	📁 Be thist gue of the sibbbitng wreat a eiluds spalling in out fout execellsnge and aires.
<b>Spelling</b>	⚠️ I werk is the fanterd whet as to ite idiste crest the spalling fustriets.	📁 Do your daive of the thwise or llave nove ther chislling, a fraaits pläen to ir ieving, a fuar af entimprat.	👏👏 Excevaant is dirent, fawr. freat." Dou daen ar e" divnations weterwite the clommentic to opuction.	📁👏 Frost care if this thove in fer ah the duiterd to them t wher as will they a wnsteres" the the t dine of phes ca

## Portfólios de Escrita

O portfólio é a melhor ferramenta para evidenciar o progresso. Guardar a primeira produção do ano e compará-la com a do meio e a do final do ano permite que o aluno, a família e a escola visualizem a evolução. Para o coordenador, a análise amostral desses portfólios fornece dados valiosos sobre a eficácia das práticas pedagógicas da escola. Se os alunos do 3º ano continuam escrevendo textos sem pontuação em novembro, isso é um indicador de que a intervenção nesse aspecto precisa ser revista institucionalmente.

## Gestão Baseada em Dados na Escrita

# Monitoramento de Indicadores de Escrita

A gestão baseada em dados não se restringe a provas de múltipla escolha. Na produção textual, os dados são qualitativos, mas podem ser quantificados para análise gerencial. O coordenador pode criar uma planilha de monitoramento onde os professores registram bimestralmente em qual hipótese de escrita cada aluno se encontra e quais as principais dificuldades da turma (ex: 40% da turma com dificuldade em segmentação; 20% com dificuldade em produção de parágrafos).

**40%**

### Segmentação

Dificuldade em separar palavras corretamente

**20%**

### Parágrafos

Desafio em organizar ideias em parágrafos

**15%**

### Pontuação

Uso inadequado de pontos e vírgulas

**25%**

### Coesão

Falta de conectivos e articulação entre frases

Esses dados permitem ações cirúrgicas. Se os dados mostram que os meninos estão com desempenho inferior ao das meninas na produção textual (uma tendência comum), a coordenação pode investigar os motivos: Os temas propostos engajam os meninos? Faltam modelos masculinos de leitura/escrita? A partir daí, pode-se propor projetos específicos, como "Clube de HQ" ou "Jornalismo Esportivo", para engajar esse público.

## Avaliações Externas e Replanejamento

Avaliações externas (como o Saeb) incluem testes de escrita ou leitura que impactam diretamente os índices da escola. Analisar os resultados dessas avaliações, cruzando-os com as avaliações internas, ajuda a alinhar o currículo. Se a avaliação externa cobra a produção de uma carta de leitor e a escola nunca trabalhou esse gênero, há um desalinhamento curricular grave que o coordenador precisa corrigir no planejamento. O uso desses indicadores não deve servir para "treinar para a prova", mas para garantir que os alunos tenham acesso aos conhecimentos que são considerados essenciais nacionalmente.

# O Papel do Coordenador na Formação Formando Professores Autores

É difícil ensinar a gostar de escrever se o professor não escreve ou não se sente seguro escrevendo. O coordenador tem o papel estratégico de fomentar o letramento literário e a prática da escrita na própria equipe. Oficinas de escrita criativa nas reuniões pedagógicas podem ajudar a desbloquear os professores, fazendo-os vivenciar as mesmas dificuldades e prazeres que seus alunos enfrentarão.

## Parceria em Sala

Além disso, o coordenador deve ser um parceiro na sala de aula. A observação de aula não deve ser fiscalizatória, mas colaborativa. O coordenador pode entrar para auxiliar em uma atividade de reescrita coletiva ou para contar uma história que servirá de disparador para a produção textual. Essa modelagem prática vale mais do que horas de teoria.

## Curadoria de Materiais

Cabe também à coordenação a curadoria dos materiais didáticos. Garantir que a escola tenha dicionários adequados à idade, livros de literatura variados, papéis de diferentes texturas e cores, e recursos digitais acessíveis é parte da infraestrutura necessária para a produção textual. Um ambiente rico em materiais convida à escrita. O coordenador deve lutar orçamentariamente para que a "oficina de escrita" tenha insumos de qualidade.



## Casos Práticos: Do Bloqueio à Fluência

Vamos analisar situações comuns que chegam à coordenação e como orientar o professor.

### Caso 1: "Eu não sei escrever"

**Situação:** Aluno do 1º ano chora e se recusa a escrever, dizendo que não sabe.

**Orientação:** O professor deve validar o sentimento, mas oferecer suporte. "Eu sei que é difícil, vamos fazer juntos. Você desenha e me conta, eu escrevo a primeira frase e você copia embaixo". Ou usar letras móveis. O objetivo é baixar a ansiedade e mostrar que ele é capaz de produzir sentido, mesmo que a grafia não esteja perfeita.

### Caso 2: O texto de uma frase só

**Situação:** Aluno do 3º ano escreve: "O menino foi no parque e brincou. Fim."

**Orientação:** O problema aqui é falta de repertório e detalhamento. A intervenção é através de perguntas expansivas. "O menino foi sozinho? Que brinquedo ele usou? Aconteceu algo engraçado?". O professor pode usar organizadores gráficos (começo, meio, fim) para ajudar o aluno a estruturar o pensamento antes de escrever.

### Caso 3: A letra ilegível

**Situação:** Aluno escreve textos longos e criativos, mas a letra é impossível de ler.

**Orientação:** Separar a competência motora da textual. Se o conteúdo é bom, elogie o conteúdo. Para a caligrafia, proponha atividades específicas de motricidade fina ou o uso de caderno de pauta, sem misturar isso com a avaliação da criatividade. Em casos extremos, permitir que o aluno digite ou dite o texto para garantir que sua expressão não seja silenciada pela dificuldade motora.

## Consolidação

# Resumo e Próximos Passos

Nesta aula, exploramos a complexidade da produção textual nos Anos Iniciais, entendendo-a como um processo contínuo que vai muito além da ortografia. Vimos que desenhar é escrever, que a reescrita é onde a mágica da aprendizagem acontece e que a correção deve ser um diálogo, não uma sentença. Como coordenador, seu papel é garantir que a escola seja um espaço de autoria, onde cada criança, com suas especificidades e ritmo, sintam-se seguras para expressar sua voz no mundo letrado.



### Desenho e Oralidade

Fundações essenciais, não apenas pré-requisitos.



### Função Social

Escrever para alguém, por algum motivo real.



### Reescrita

A principal estratégia de ensino da escrita.



### Correção Mediadora

Apontar caminhos, não apenas erros.



### Diversidade

Inclusão de temáticas afro-brasileiras, indígenas e acessibilidade (DUA).

## Perguntas para Reflexão

1. As práticas de correção na minha escola estimulam ou desestimulam a escrita dos alunos?
2. Os gêneros textuais trabalhados em sala refletem a realidade digital e social dos estudantes de 2025?
3. Como posso apoiar o professor que ainda se sente inseguro para trabalhar com produção de texto além da cópia?



### Conexão com a Próxima Aula

Entender o desenvolvimento típico da escrita é o primeiro passo para identificar quando algo foge ao esperado. Na **Aula 68 – Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização**, aprofundaremos o olhar sobre dislexia, disgrafia e outros transtornos, instrumentalizando você para diferenciar uma dificuldade pontual de um transtorno de aprendizagem e como encaminhar corretamente.

## Recursos Adicionais

- **Livro:** "O diálogo entre o ensino e a aprendizagem" - Telma Weisz.
- **Documento:** Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - Seção de Língua Portuguesa (Anos Iniciais).
- **Ferramenta Digital:** "Storyjumper" (criação de livros digitais).
- **Vídeo:** Palestras de Magda Soares sobre Alfabetização e Letramento.